

INTIMIDADE FEMININA: ANÁLISE DE BLOQUEIOS NA LIVRE EXPRESSÃO CORPORAL DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Feminine Intimacy - Analysis of blocks in contemporary women's free body expression

Raquel Haddad Pereira
Geny de Oliveira Cobra

RESUMO: Este trabalho pretende investigar sobre como se desenvolve a intimidade feminina e como se constroi o contato psíquico feminino, desde a origem do ser, culminando na mulher adulta contemporânea. Para tanto, utiliza-se a fundamentação teórica reichiana, compreendendo-se que, para Reich, intimidade corporal é sinônimo de contato psíquico. O estudo é de caráter exploratório qualitativo, baseando-se em fontes bibliográficas. Pretende-se a partir da bibliografia estudada, estabelecer um diálogo sobre o conceito de feminino e de contato psíquico a partir de autores como Wilhelm Reich, Federico Navarro, Donald Winnicott e bell hooks. Por fim, estabelece-se uma discussão contemporânea acerca da liquidez e efemeridade das relações humanas e a primazia das aparências, baseando-se em Zygmunt Bauman, como uma possível consequência da falta de contato psíquico, gerando bloqueios corporais que se apresentam através da frequente dificuldade feminina de sentir, expressar-se genuinamente e conectar-se com o próprio corpo.

Palavras-chave: Contato psíquico. Couraças. Energia vital. Expressão corporal. Intimidade Feminina.

ABSTRACT: This work aims to investigate the development of feminine intimacy and the construction of feminine psychic contact from the origin of being, culminating in the contemporary adult woman. To do so, it relies on the theoretical foundation of Reich, understanding that, for Reich, bodily intimacy is synonymous with psychic contact. The study is of a qualitative exploratory nature, based on bibliographic sources. The intention is, through the literature studied, to establish a dialogue on the concept of the feminine and psychic contact, drawing on authors such as Wilhelm Reich, Federico Navarro, Donald Winnicott and bell hooks. Finally, a contemporary discussion is established regarding the fluidity and ephemerality of human relationships and the primacy of appearances, based on Zygmunt Bauman, as a possible consequence of the lack of psychic contact, generating bodily blocks that manifest through the frequent difficulty for women to feel, express themselves genuinely, and connect with their own bodies.

Keywords: Psychic contact. Character armor. Vital energy. Body expression. Feminine Intimacy.

INTRODUÇÃO

A intimidade, o contato humano e o feminino são temáticas muito sensíveis na contemporaneidade, sendo a sociedade atual demarcada pela efemeridade e fluidez das

relações humanas, como descrito por Bauman (2009). Neste contexto, o ser mulher implica ainda em determinadas particularidades, percebidas historicamente, que colocam a mulher em uma situação de maior submissão, fragilidade e abuso quando comparada ao homem (Chacham; Maia, 2004). Trata-se de uma construção social que reforça os papéis de gênero desde a mais tenra infância, a partir de diferentes tratamentos e expectativas a depender do sexo biológico da criança. De maneira geral, nas relações humanas a entrega verdadeira e o amor encontram-se cada vez mais escassos; e em especial nas mulheres, há uma condição de maior vulnerabilidade (Hooks, 2021). Este trabalho pretende investigar sobre como se desenvolve a intimidade feminina e como se constroi o contato psíquico feminino, desde a origem do ser, culminando na mulher adulta. Para tanto, utiliza-se a fundamentação teórica reichiana, compreendendo-se que, para Reich, intimidade corporal é sinônimo de contato psíquico.

O estudo é de caráter exploratório qualitativo, baseando-se em fontes bibliográficas. Pretende-se a partir da bibliografia estudada, estabelecer um diálogo sobre o conceito de feminino e de contato psíquico a partir de autores como Wilhelm Reich, Federico Navarro, Donald Winnicott e bell hooks. Por fim, estabelece-se uma discussão contemporânea acerca da liquidez e efemeridade das relações humanas e a primazia das aparências, como uma possível consequência da falta de contato psíquico, gerando bloqueios corporais que se apresentam através da frequente dificuldade feminina de sentir, expressar-se genuinamente e conectar-se com o próprio corpo.

Para introduzir este trabalho, cabe discutir sobre o conceito de intimidade feminina, entendido aqui como contato psíquico a partir da perspectiva reichiana, utilizando-se como referenciais teóricos Wilhelm Reich e Mirian Goldenberg. Esta é uma importante autora que escreve sobre a temática da intimidade sob uma perspectiva feminina. Segundo afirma, na visão da mulher, a verdadeira intimidade seria a “intimidade íntima”, que consiste em “um tipo particular de estar juntos, de conversar, de escutar, de compartilhar o silêncio, um nível mais profundo de comunicação psicológica. É uma intimidade emocional” (Goldenberg, 2010, p. 14). Para as mulheres, a intimidade é um modo de falar sobre si e se sentir ouvida pelo outro, sem interferências e sem medo do julgamento, de críticas e de ironias. “É um tipo de conversa especial, de entrega singular, de quem fala e de quem escuta” (Goldenberg, 2010, p. 15), onde existe respeito, aceitação, apoio, troca, e é possível ser reciprocamente vulnerável e expor seus medos e fragilidades na relação, algumas vezes até mesmo a partir do silêncio.

Por outro lado, na visão masculina, a intimidade é percebida através de sexo, carícias, beijos, carinhos e da exposição do corpo nu frente ao outro, tratando-se de uma perspectiva carnal, sexual, física, objetiva e prática. De outro modo, as mulheres têm uma noção reflexiva e subjetiva da intimidade. Para elas, a intimidade: “É um nível profundo e psicológico de comunicação e de reciprocidade. É uma intimidade feminina. Coisas que, elas dizem, os homens são incapazes de compreender” (Goldenberg, 2010, p. 16). De maneira geral, as mulheres entendem que a intimidade é um universo que pertence a elas, considerando-se mais sensíveis, profundas e maduras. Pode-se dizer que, para elas, a intimidade íntima é um poder feminino e um privilégio das mulheres.

Como mencionado, a intimidade feminina está muito relacionada ao conceito de contato psíquico reichiano, que será explorado a seguir. De acordo com Reich (1998), o contato psíquico é o processo psíquico a partir do qual o sujeito relaciona-se sensivelmente consigo próprio, com os demais e com o mundo, implicando em estar aberto às relações e ao sentir o ritmo vital natural. A falta de contato psíquico é o resíduo intangível da couraça¹, resultando em um forte afastamento em relação ao mundo, seus objetos e finalidades. Segundo o autor, a falta de contato expressa-se por um sentimento de isolamento ou insensibilidade internas, em relação ao mundo externo, mesmo quando há diversas relações profissionais e sociais. Nesse sentido, podem haver sentimentos de apatia, distanciamento, embotamento ou entorpecimento, e a tendência a refugiar-se em si próprio. “Toda vez que moções pulsionais naturais, adequadas, são impedidas de relação direta com os objetos do mundo, o resultado é a angústia, como expressão de arrastar-se para dentro de si mesmo, e o desenvolvimento de um muro de negação ao contato” (Reich, 1998, p. 294). Surge então o embotamento psíquico, com sentimentos de resignação, frieza, torpor e enfraquecimento grave de interesses e atividades objetivos.

Como evidencia Eva Reich (1998), o contato implica em uma relação entre dois organismos bioenergéticos vivos, que por atração, sobrepõem-se um ao outro por meio de uma fusão. Segundo Reich (1998), as pessoas de maneira geral não percebem que são incapazes de ter um contato verdadeiro com o mundo que as cerca; de maneira geral, elas

¹ A couraça muscular é como uma armadura de proteção que dificulta o livre fluxo de energia no corpo. Segundo Reich (1975), a couraça muscular refere-se às tensões musculares crônicas advindas de situações de estresse intenso e prolongado às quais o indivíduo foi submetido ao longo de seu desenvolvimento psicosssexual: “[...] toda rigidez muscular contém a história e o significado da sua origem” (Reich, 1975, p. 255). Tais “[...] tensões corporais podem ser vistas como uma série de constrições, cuja função é limitar o movimento, a respiração e a emoção” (Boadella, 1985, p. 114).

creem que não desejam fazê-lo, através de argumentos como “eu sou assim”. Estas atitudes, além de manterem recalcados os conteúdos agressivos indesejáveis, também compensam o distanciamento interno do sujeito em relação ao mundo. Assim, a falta de contato surge como uma barreira no organismo resultante da interação de correntes libidinais opostas (uma que deseja se expressar e outra que a recalca), gerando uma paralisação ou rigidez (Reich, 1998). Na verdade, falta de contato é mais como uma interação entre forças dinâmicas opostas do que uma postura passiva. É resultado de um certo equilíbrio entre a força pulsional e a força frustrante, estagnando o fluxo libidinal e correspondendo a uma inibição. Desta maneira, percebe-se a falta de contato como um bloqueio na corrente plasmática vital do organismo.

Ainda cabe destacar o que o autor chama de contato substituto. Quando a motilidade vegetativa² é reprimida na infância e a relação com o mundo e os objetos torna-se difícil devido à falta de contato psíquico, há tentativas de estabelecimento de contatos substitutos. Este é caracterizado por meio de expressões artificiais, exageradas ou simuladas, quando há ausência de contato autêntico, como por exemplo: risada alta e incômoda, amabilidade enfadonha, adesão rígida a pontos de vista, postura presunçosa, falsa modéstia, promiscuidade sexual, comportamento autoritário ou requintado, acanhamento, etc. De maneira geral, quando há um traço comportamental proeminentemente destacado de maneira contraditória em relação à personalidade global, há uma função substituta provocada por um isolamento de si mesmo mais ou menos profundo (Reich, 1998). Por outro lado, o contato vegetativo relaciona-se às formas de autoexpressão simples, naturais, simpáticas e atraentes. É necessário buscar o contato genuíno, para “liberar as estruturas humanas de suas funções substitutas e restaurar a sua relação direta com a natureza e a sociedade” (Reich, 1998). O ser humano é um ser essencialmente social, e o contato substituto surge como uma função substituta ao contato verdadeiro obstruído, servindo de defesa e consumindo energia na tentativa de harmonizar forças contraditórias da libido. Ele representa uma economia sexual perturbada e um distúrbio da economia sexual da pessoa.

Uma vez esclarecidos os conceitos de intimidade feminina e contato psíquico, essenciais para este trabalho, a seguir iremos explorar melhor o desenvolvimento humano em suas fases iniciais, em especial da mulher, e pensar sobre as relações contemporâneas desenvolvidas a partir desta dinâmica.

² A motilidade vegetativa diz respeito à liberação da energia vegetativa (corporal) conseguida pela flexibilização dos bloqueios corporais, ocasionando a manutenção da funcionalidade do ser.

1. O DESENVOLVIMENTO INICIAL DO SER HUMANO

O pensamento reichiano se destaca por importantes especificidades, como a concepção do ser humano como um ser integral e a impossibilidade de separação entre corpo e mente, considerando ambos uma unidade. Para Reich (1998), na medida que a criança se desenvolve, o processamento das informações que lhe atravessam a partir dos meios externo e interno ocorre por seu organismo nos âmbitos cognitivo, emocional e corporal. Neste período, todo o corpo processa o que lhe afeta e tenta integralmente adaptar-se a tais estímulos, criando mecanismos de defesa para processar os elementos desprazerosos que o acometem e contribuirão para a formação de sua caracterialidade. Assim, entende-se que o ser humano é constituído pela soma de fatores biopsicossociais. Para entender a constituição, os limitadores e as particularidades humanas, e em especial, da posição feminina na sociedade, cabe primeiramente analisar o desenvolvimento humano sob a ótica reichiana, que será realizado a seguir.

Como mostram Silva e Volpi (2016), quando a criança é concebida, vivencia processos que afetam seu desenvolvimento psíquico e físico. A sua constituição e o fluxo de sua energia vital serão afetados por sua reação aos estímulos do ambiente e dos efeitos que estes lhe causam. Neste sentido, a energia vital presente no organismo pode ser entendida como a energia da vida, o Orgone (Reich, 1975), o prana para o mundo holístico, a energia do amor e da conexão profunda, genuína e verdadeira com o que cerca o ser, “a energia primordial responsável pela origem de todas as formas vivas” (Silva; Volpi, 2016, p. 4). Como mostram os autores, a capacidade de amar está intimamente relacionada com a capacidade de deixar fluir a sua energia vital, abrindo-se para a entrega verdadeira nas relações com o mundo e consigo próprio. Se durante o desenvolvimento, a criança for privada da sensação de ser amada, cuidada e desejada pelas pessoas que são mais próximas dela, isso comprometerá também a sua própria capacidade natural de amar, e igualmente o fluxo de sua energia vital. Ao receber um olhar, toque ou direcionamento agressivo, ou mesmo a ausência do olhar e do toque acolhedor, o organismo tende a bloquear o seu fluxo de energia, para dificultar perceber a sensação desprazerosa que lhe acomete. Conforme Lowen (1983) explica:

Ser autêntico na expressão do amor subentende ver, olhar, ouvir, sentir a criança em suas necessidades básicas [...]. O contato de amor é fundamental, pois é a partir dele que a criança irá experimentar tanto a realidade energética como a corporal, para que assim ela possa se apropriar dessas realidades e, delas, ter consciência. Experiências que resguardarão sua sobrevivência, estimularão seu desenvolvimento e facilitarão a afirmação do seu “eu” e da sua autoexpressão. (Lowen, 1983 *apud* Silva; Volpi, 2016, p. 8)

Retornando à compreensão sobre a ideia de energia vital, de acordo com Silva e Volpi (2016), esta relaciona-se com o conceito da energia Orgone, que foi desenvolvido por Reich em um momento já avançado de seu percurso teórico. Como se sabe, Reich foi psicanalista durante muitos anos, mas inovou a atuação do psicoterapeuta, posicionando-se à frente de seus pacientes e observando atentamente seus comportamentos, seus corpos e expressão não verbal. Como mostra Navarro (1996), Reich identificou que os músculos de seus pacientes realizavam contrações quando havia estímulos angustiantes que causavam sofrimento e dor, e se expandiam quando em contato com estímulos prazerosos. Além das reações musculares, percebeu também outras reações do sistema neurovegetativo.

Segundo Volpi e Volpi (2003), a contração muscular evidencia um bloqueio no livre fluxo de energia no organismo, e a partir de então, Reich concluiu que ao manipular certos músculos que antes estavam rígidos, a estase libidinal³ era rompida e liberava a energia contida. Ele percebeu que a energia psíquica da qual Freud falava, na realidade era concreta e podia ser medida, fluindo da cabeça aos pés. Quando o percurso dessa energia é interrompido, pelas contrações musculares ou couraças, provoca estase da libido em determinado nível do corpo do sujeito, que, na medida em que é dissolvida por meio de *actings*⁴ corporais em psicoterapia, provoca a liberação de sensações, emoções, lembranças e pensamentos, que muitas vezes estavam intocados pelo sujeito desde etapas primitivas de seu desenvolvimento. Reich (1998) identificou que a biopatia crônica⁵ tem origem na repressão da sexualidade genital, e é por meio da genitalidade que a energia que circula no organismo pode ser descarregada.

De acordo com Reich (1998), o funcionamento intencional da neuromuscularidade se inicia a partir do desmame. Este, quando realizado de maneira precoce ou mal feita, pode

³ A estase libidinal é a estagnação da libido, que permanece represada em determinadas regiões do corpo onde há o bloqueio energético.

⁴ *Actings* são intervenções corporais realizadas em psicoterapia corporal.

⁵ A biopatia crônica consiste em estados patológicos em que há contrações crônicas no organismo relacionadas à hiperatividade do sistema nervoso simpático. Possui elementos de ordem psicológica, bioenergética ou caracterológica, que causam disfunções nos padrões fisiológicos do organismo a nível tissular, visceral ou músculo-esquelético.

antecipar forçadamente a atividade neuromuscular, representando um perigo e risco para o desenvolvimento saudável da criança. Assim, é a funcionalidade neuromuscular que ocasiona a formação da caracterialidade e, posteriormente, do caráter (Navarro, 1995). Conceitualmente, o caráter é a maneira habitual de uma pessoa agir e reagir a partir de seu comportamento, expresso por atividade neuromuscular. A ação e reação se dão devido a estímulos tanto externos quanto internos, e a fatos, pessoas e situações, e consistem em uma tentativa de adaptação ao meio (Navarro, 1995). Durante o desenvolvimento da criança, é ideal que haja equilíbrio harmonioso, através de uma concepção desejada e amorosa, uma gravidez saudável, em clima tranquilo, alimentação equilibrada e energia vital gratificante, para proporcionar aos órgãos e às células do bebê um funcionamento possivelmente mais saudável. Por outro lado, o estresse e as frustrações, somadas ao medo consequente, prejudicam a homeostase no organismo do bebê e o seu desenvolvimento, podendo ocasionar uma fixação embrionária e um possível núcleo psicótico.

Quando ocorre o desmame, inicia-se a fase neuromuscular ativa e intencional, e há a passagem da motilidade para a mobilidade (Navarro, 1995), por volta do nono mês de vida. É neste momento que se principia a formação do caráter, que já possui tendências originadas na vida intrauterina e neonatal do bebê. “Para haver uma formação caracterial, é necessário que já esteja constituído o “eu”; e a constituição do eu está ligada à função dos olhos” (Navarro, 1995, p. 15). De acordo com o autor, estudos mostraram que no terceiro mês de vida intrauterino existe um eu fetal, que possui a capacidade de ouvir, ver e cheirar. Por exemplo, em caso de estresse materno, o organismo da mãe libera cortisol em demasia, o que é sentido pelo feto como um amargor que penetra por suas cavidades, provocando desconforto e desprazer. Neste caso, a sua memória celular do ventre materno possivelmente apresentará vestígios de algo desagradável. Como mostra Boadella (1992), um útero não receptivo pode, no futuro, provocar pensamentos e sensações sombrias, ao passo que um útero receptivo e caloroso suscita, no organismo que se forma, a sensação de estar seguro em uma terra fértil. Para Navarro (1995),

É sabido que o feto sofre estresse, frustrações e gratificações. A formação do nosso caráter, como dizia Freud, é um elemento histórico: desde o nascimento, ou melhor, desde o fim do período fetal, há possibilidades de *imprinting* que determinam um certo modo de estruturar-se. Há, portanto, uma potencialidade caracterial que se exprime já desde o nascimento. (Navarro, 1995, p. 16)

Percebe-se que a formação do caráter ocorre a partir da necessidade do ser vivo de defender-se e exprimir-se frente a situações que intervenham em si, a partir do interior, como situações intrapsíquicas, e do exterior, como situações interpssíquicas. Desta maneira inicia-se a formação da “couraça caracterial muscular”, que, como já visto, é uma armadura que dificulta o livre fluxo de energia no corpo, causando uma insensibilidade no sentir, ou uma dificuldade de reconhecimento das emoções. Assim, a formação do caráter neurótico é necessária para a manutenção do equilíbrio psíquico e para a autodefesa de frustrações e agressões provindas do ambiente. A couraça nasce, segundo se percebe, como um mecanismo de defesa para manter um equilíbrio que na realidade é precário (Navarro, 1995).

Neste sentido, a possibilidade de expressar-se através da ação muscular também é afetada, de maneira que a energia fica retida e ancorada nos músculos, preservando a sua imobilidade. “Para mim, tudo o que diz respeito à memória afetiva está ligada aos músculos e tudo o que diz respeito à memória intelectual está ligado à célula nervosa” (Navarro, 1995, p. 18). Percebe-se que não é possível uma separação completa entre o aparato muscular e o sistema nervoso que o integra. Nesse sentido, a proposta da vegetoterapia é dissolver a couraça, mas entendendo que esta pode ser recriada em um momento de necessidade, sem que fique estabelecida, uma vez que trata-se de um mecanismo de defesa que busca conservar o bom funcionamento e a preservação do organismo (Reich, 1998).

Como evidencia Navarro (1996), o bebê após o nascimento passa pelos períodos: neonatal, pós-natal e pseudogenital, vivenciando diversos processos envolvendo a temática de separação e chegada. No período neonatal, há a aproximação com a mãe durante a amamentação, e a separação no momento em que esta termina e a criança se afasta, dinâmica esta que se repete a cada mamada, até o período do desmame. Esta etapa marca a relação simbiótica entre mãe e filho(a). Como mencionado anteriormente, o desmame inaugura a mobilidade e a ativação das funções neuromusculares.

Durante o processo acima mencionado, a criança passa por quatro estágios de amor: ser cuidado, ser objeto de amor, compartilhar a si próprio e ser cooperativo com o meio (Keleman, 1996). Em cada estágio, há um modelo de desenvolvimento considerado natural, e é possível haver um contraste entre o que seria o desenvolvimento ideal do sujeito e o que ocorre em sua realidade concreta. Podem haver pais que apresentam limites fracos, ou excessivamente austeros, ou então desinteressados pelos filhos, ou pais cujos filhos são o centro de sua existência. Cada um destes cenários deixará marcas na formação de caráter da

criança que recebe determinado tipo de cuidado ou a sua falta. De acordo com Reich (1975), as perturbações que comprometem a capacidade natural do sujeito de amar podem ocasionar enfermidades psíquicas, devido ao bloqueio de energia biológica. Assim, o caminho da “cura” para tais perturbações aponta essencialmente para o restabelecimento da capacidade do sujeito de sentir prazer e amar.

Segundo Reich (1975), a respeito da formação do caráter, no desenvolvimento psicoafetivo saudável a formação do sujeito deveria concluir-se conjuntamente à maturação genital, tendo perpassado pelos sete níveis (segmentos corporais⁶), através da livre circulação da energia vital por todo o corpo. Assim, a manifestação genital seria a culminação do desenvolvimento, ocorrendo conjuntamente à superação do período edípico, por volta de 8 ou 9 anos de idade (Navarro, 1995). Porém, devido a elementos socioculturais na sociedade contemporânea, que tratam a sexualidade e a masturbação infantil com repressão e punição, o desenvolvimento do sujeito passa por um período de latência, somente prosseguindo após a puberdade.

Sobre da formação dos caracteres, Reich e autores pós-reichianos estabeleceram algumas possibilidades em termos de caracterologia, como os caracteres: histérico, oral, fálco-narcisista, compulsivo e masoquista (Baker, 1980). Navarro (1995) explica ainda que os caracteres se formam a partir de um conjunto de fatores, como o temperamento do sujeito e as condições internas e externas.

Além dos fatores acima mencionados no desenvolvimento humano, também são fundamentais os fatores sociais, culturais e educacionais. A partir da cultura e da pressão social, há um esforço para civilizar a criança e torná-la aceita socialmente, utilizando-se da manipulação, de prêmios e castigos. Como mostra Reich (2013), o desenvolvimento biológico da criança é formado a partir de como ela passa por todas as fases de seu crescimento, considerando os efeitos nocivos de cuidados insuficientes, inclusive no âmbito educacional. Estes trarão danos para a autorregulação biológica do organismo, podendo propiciar biopatias no futuro.

Retomando sobre a relação materna com a prole, cabe destacar que, para que a mãe possa ter um contato de amor efetivo com o seu bebê, ela precisa ter incorporado o sentimento de amor nos primeiros estágios de sua própria vida (Silva; Volpi, 2016). Quando a mãe está excessivamente encouraçada (com a energia bloqueada em segmentos corporais), não é capaz

⁶ Há sete segmentos corporais, segundo a perspectiva reichiana, que são os seguintes: ocular, oral, cervical, peitoral, diafragmático, abdominal e pélvico.

de perceber o desejo de contato em seu filho e a falta deste contato, então, não identifica que a sua relação com a criança está insatisfatória. Não tem consciência do seu bloqueio emocional, estando alienada de sua própria natureza e de seu corpo. E, como mostra Reich (2013), a depender da intensidade de reação do sujeito frente ao perigo ou desprazer, poderá ocasionar o encouraçamento de alguma região corporal que corresponde à etapa do desenvolvimento em que o trauma ocorreu no indivíduo, podendo desencadear patologias somáticas e psíquicas.

Cabe mencionar outro importante autor que discorre sobre desenvolvimento humano inicial: Donald Winnicott. Sua abordagem possui notáveis similaridades com o pensamento reichiano, percebidas a partir dos conceitos de espontaneidade, verdadeiro e falso *self*. Segundo o autor, o si-mesmo, ou *self*, está presente desde a origem da organização psíquica do ser, consistindo no gesto espontâneo do sujeito, como se percebe adiante:

No estágio inicial o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a ideia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. (...) O *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e da respiração. Está intimamente ligado à ideia de processo primário e, de início, essencialmente não-reativo aos estímulos externos, mas primário. (...) O *self* verdadeiro aparece logo que há qualquer organização mental que seja do indivíduo e isso quer dizer pouco mais do que o somatório do viver sensório-motor. (Winnicott, 2008, p. 135-136)

Na passagem acima, nota-se grande proximidade entre as percepções de Winnicott e Reich sobre uma noção de “eu verdadeiro”. Reich não utiliza exatamente este termo, mas emprega outros similares, como: cerne biológico ou vital, funcionamento vital, natureza e princípio bioenergético natural (Joveleviths, 2016). Assim, Reich afirma que há um cerne biológico, “de onde brotam todos os impulsos naturais” (Reich, 2003, p. 69-70), e há o mundo em que o ser vive e trabalha. No caso de obstrução da capacidade de amar pelo meio, o cerne vital do organismo encouraçado continua tendo seus impulsos, porém eles não podem mais encontrar livre expressão. Fica clara a formação das couraças a partir de uma obstrução no fluxo energético vital do organismo e de seus impulsos. Uma diferença entre as concepções de ambos os autores é que, pelo que se nota, para Winnicott, o *self* verdadeiro é uma conquista do desenvolvimento, necessitando ser preservado, ao passo que a visão de Reich denota algo de cunho mais natural e originário, como uma essência (Joveleviths, 2016).

Aprofundando a discussão trazida por Winnicott sobre a espontaneidade, é somente sendo criativo e espontâneo que o sujeito é capaz de descobrir o seu *self*, estando a espontaneidade intimamente conectada à criatividade e ao brincar infantil. Como mostra

Winnicott (2021), é a partir da brincadeira que tanto a criança quanto o adulto podem ser criativos, explorar e expressar toda a amplitude de sua personalidade. Desta maneira, o *self* não é algo que pode ou deve ser buscado, mas ele emerge espontaneamente no ser quando não há bloqueios em seu desenvolvimento. Em uma criação em que o sujeito recebe os cuidados necessários, nomeados pelo autor como *holding*, *handling*⁷ e a apresentação de mundo, possuindo um cuidador “suficientemente bom”, sente a liberdade de se expressar natural e espontaneamente. Porém, quando a criação é excessivamente rígida, não acolhedora ou negligente, o organismo desenvolve bloqueios que impedem a livre expressão do seu ser de maneira espontânea. O autor denomina este fenômeno como a formação do falso *self*, a partir do qual o sujeito expressa uma personalidade que não é a sua, mas desenvolvida como um mecanismo de defesa em relação ao ambiente opressor. Traçando um paralelo com a teoria reichiana, estes bloqueios parecem possuir relação com as couraças e a falta de contato, foco deste trabalho.

2. O PRAZER FEMININO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Como se observou anteriormente neste artigo, sob a perspectiva reichiana, a relação sexual é uma das principais bases para a conexão e troca amorosa saudável (Reich, 1975). Porém, até nos dias atuais há um tabu envolvendo a sexualidade, sendo esta censurada desde a mais tenra infância, e ainda mais enfaticamente no caso das mulheres. Para elas, o contato com o prazer sofre barreiras desde as primeiras etapas de sua vida. Devido a pressões históricas, culturais e sociais, é incentivado que as mulheres sejam desconectadas em relação a sentir o próprio corpo e o contato com a sua intimidade pessoal. Como consequência e evidência deste cenário, há um estudo recente que evidencia que cerca de 60% da população mundial feminina tem anorgasmia (dificuldade ou incapacidade de atingir o orgasmo) - estudo americano publicado nos *Archives of sexual behavior* (Ventas, 2020). É necessário compreender, então, os motivos deste cenário amplamente observável e possíveis paralelos sobre a prática clínica em psicoterapia corporal no apoio frente a esta disfunção.

É importante mencionar que a atividade sexual consiste em uma necessidade fisiológica, tal qual alimentar-se, beber, descansar ou dormir. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é parte integral dos indivíduos, sendo uma

⁷ *Holding* e *handling* são, respectivamente, a sustentação física e psicológica do bebê nos braços e na subjetividade materna, e o seu manuseio corporal em atividades como a troca de fralda, de roupa e o banho.

necessidade básica humana (Egypto, 2003). Porém, cabe destacar que a sexualidade não se limita ao ato sexual em si, mas consiste na “energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas” (Silveira; Machado; Volpi, 2022, p. 1). Portanto, tal qual a saúde é considerada um direito humano básico, a saúde sexual deveria ser igualmente considerada um direito humano fundamental.

Sobre a sexualidade do sujeito, Volpi (2008) elucida que esta é a energia que compele para a união, a proximidade e o contato com outros seres, tanto na infância quanto na fase adulta. Ao desenvolver a personalidade, o indivíduo aproxima-se em direção ao contato com o outro; mas, devido às repressões sociais, cria-se uma cisão entre identidade e sexualidade. Vale lembrar que desde a sua origem, o prazer é sentido pelo bebê através do contato com o útero quente e acolhedor. Posteriormente, experimenta-se prazer no contato da pele. “Seguindo a maturação, o prazer será encontrado na posse sobre o próprio corpo e as emoções, que possibilita o exercício da autonomia” (Volpi, 2008, p. 4). Assim, a identidade se baseia no contato com o próprio corpo.

Todavia, no mundo contemporâneo, há um bombardeamento de informações que pressionam os sujeitos por certa padronização do ser, buscando ditar, através de meios de comunicação em massa, a forma como as pessoas devem ser e se sentir, sua aparência corporal, peso e o padrão de beleza que devem adotar. Há, também, padrões de relacionamento sexual ditados por filmes românticos e filmes pornográficos, que criam modelos de reações humanas irreais e não espontâneas (Silveira; Machado; Volpi, 2022). Assim, quando a pessoa não está suficientemente conectada consigo própria, torna-se muito vulnerável à aprovação alheia. Ao não compreender o seu vazio interior, busca preenchê-lo perseguindo algum nível de contato com outros seres humanos, que acaba por consistir em um contato superficial, pois não há como haver contato pleno quando ambos os seres estão energeticamente bloqueados, não permitindo a entrega verdadeira na relação. Assim,

Se a mulher descobre sua sexualidade e aprende sobre sexo de forma inadequada, com conteúdo pornográfico e histórias não realistas, absorve um papel idealizado onde o seu corpo precisa ter uma forma desejável e ao mesmo tempo assume uma responsabilidade de satisfazer prazeres do parceiro. Sua mente cria um padrão de como deve se comportar sexualmente. Mas o que acontece nesse formato é que esquece de conhecer suas zonas erógenas e conectar com seu prazer pessoal e real, que está no seu corpo e não na sua mente. (Silveira; Machado; Volpi, 2022, p. 4)

Cedendo à pressão social, o ser humano contemporâneo cada vez mais afasta-se de si ao perseguir um ideal inexistente, superficial e falso. Essa pressão é ainda mais forte sobre as mulheres, que há várias gerações são tratadas socialmente como passivas e submissas, anulando a si mesmas, a seu corpo e a sua sexualidade e perseguindo a ilusão de alcançar máxima satisfação pessoal ao agradar e satisfazer principalmente aos homens. A educação repressora em especial para com as mulheres também reforça a sua atuação com foco no cuidado com o outro, como se esta fosse a sua missão de vida. “Assim, o prazer com o seu corpo passa a ser algo sem importância ou não prioritário” (Silveira; Machado; Volpi, 2022, p. 2), atrapalhando também a sua entrega para se permitir sentir prazer durante a relação. A identificação e intimidade com o próprio corpo é necessária para que o sujeito possa desenvolver plenamente a sua sexualidade; e os sentimentos de confiança e segurança na relação com o outro são imprescindíveis para a entrega sexual e obtenção do prazer pleno. Ademais, a possibilidade de se abrir para este vínculo é estimulada ou reprimida ainda na tenra infância. É a partir da elaboração e ressignificação do que foi vivido e da maneira como recebeu amor durante a sua vida, que a mulher pode modificar a forma de cuidado e contato consigo própria, tornando-se capaz de viver o prazer sem cobranças internas e sentimento de culpa. Para que tal despertar amoroso para consigo mesma ocorra, Lowen (1990) menciona:

Vincular a cabeça e o coração é metade da tarefa de se tornar uma pessoa amorosa. A outra metade é religar o coração aos genitais, para que a atividade sexual se torne um produto genuíno do coração. Na realidade, existe uma conexão de sangue entre o coração e os genitais; de outra forma não ficaríamos excitados sexualmente. [...] Para podermos sentir essa ligação entre ambos dependemos da profundidade de nossa respiração. [...] Soltar a expiração o máximo possível é um pré-requisito da entrega à sexualidade. [...] O prazer final, ou a satisfação do orgasmo, aumenta com a intimidade porque a pessoa pode entregar-se mais a fundo na segurança do amor. (Lowen, 1990, p. 194)

Neste sentido, cabe explorar melhor a questão do orgasmo como um ponto elementar da teoria reichiana, e em especial, o orgasmo feminino. A respeito do orgasmo, Reich (1975 *apud* Albertini, 2015) demarca a sua importância para a auto-regulação energética do organismo, pela profunda conexão entre coração e genitais. A mulher que possui a potencialidade orgástica, durante a relação sexual realiza uma conexão com o próprio prazer corporal e o do outro. Ela adota um posicionamento diferenciado diante de seu prazer e sente-se merecedora do mesmo. Afinal, “A saúde psíquica depende da potência orgástica” (Reich, 1975, p. 10). O orgasmo ocorre através do abandono completo de qualquer tentativa de controle, e a consequente descarga energética de toda excitação sexual reprimida, por meio de

agradáveis e involuntárias convulsões corporais. De acordo com Lowen (1990), o comportamento sexual reflete a personalidade do sujeito. Por isso, quanto maior o bem estar e satisfação do sujeito em todo o seu ser e corpo (cabeça, coração e genitais), mais nítida será a experiência do orgasmo. A plena realização sexual é, assim, resultado de um modo de viver, compatível com uma personalidade madura.

Segundo Herskowitz (1969), para a compreensão completa da questão colocada, é necessário considerar, para além do fisiológico, também o ponto de vista energético e a subjetividade do prazer. Nesse sentido, percebe-se que a inibição do fluxo de energia orgônica pelo corpo, que ocorre no ser encouraçado, diminui a capacidade de excitação e descarga orgásmica do sujeito. O caráter subjetivo da excitação pode ser observado quando, em geral, a estimulação erótica mecânica do seio e de outras zonas erógenas produz um resultado excitatório diverso de quando as mesmas são estimuladas por atos amorosos (Reich, 1975).

Contribuindo para uma visão integral sobre o orgasmo feminino, Masters e Johnson (1966) destacam ainda que os orgasmos vaginal e clitoriano não possuem separação do ponto de vista anatômico: há intensidades diferentes de orgasmo feminino, mas são todas de um mesmo tipo, devido à sua integração anatômica (Herskowitz, 1969). Ademais, Herskowitz (1969) destaca que há uma diferença entre o orgasmo experimentado pelo sujeito encouraçado, consistindo em uma descarga parcial de energia apenas na região genital, e o orgasmo completo experimentado pelo organismo auto-regulado energeticamente, cujas convulsões prazerosas espalham-se por todo o corpo na medida em que há o sentimento de entrega total na relação.

3. A SEXUALIDADE DA MULHER BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Uma vez esclarecida a questão do orgasmo e sua relevância para a compreensão do prazer feminino na perspectiva reichiana, cabe explorar melhor outros aspectos que igualmente afetam a sexualidade humana e feminina, tais como os processos culturais, sociais e históricos.

Neste sentido, diversos estudos foram realizados nos últimos séculos na tentativa de captar a satisfação da mulher com a sua vida sexual, tal qual aquele citado no início deste trabalho. Aqui, cabe ainda mencionar uma Pesquisa de Opinião Pública bastante relevante, que foi efetuada no Brasil em 2001, denominada *A mulher brasileira nos espaços públicos e*

privados, realizada pela Fundação Perseu Abramo e que proporciona “uma dimensão dos significados da sexualidade na vida da mulher brasileira” (Chacham; Maia, 2004, p. 4). Esta pesquisa evidenciou a ambiguidade do discurso que a mulher brasileira vivencia, estando presa entre um viés progressista e os modelos tradicionais. No Brasil, a mulher parece sentir necessidade de expressar publicamente a sua suposta satisfação sexual, ao mesmo tempo em que adota postura conservadora no relato de aspectos controversos e estigmatizados, como a quantidade de parceiros sexuais, a orientação sexual e a infidelidade. Além disso,

O alto nível de satisfação declarada pelas mulheres com sua aparência física se contrapõem à enorme demanda das mulheres brasileiras por serviços estéticos (cosméticos, cirurgias plásticas, tratamentos para perda de peso etc.). Associa-se a isto o aumento do relato da ocorrência de distúrbios alimentares como bulimia e anorexia, ambos relacionados com a pressão cultural por um modelo estético relacionado com a magreza. O mais instigante com relação à busca das mulheres por estarem em conformidade com o modelo estético contemporâneo é legitimação pelo discurso da saúde. A falácia que associa estética e saúde autoriza as mulheres (e cada vez mais os homens) a se submeterem a procedimentos que podem, inclusive, prejudicar a saúde. (Chacham; Maia, 2004, p. 6)

Conforme afirma Souza (1996), no cenário brasileiro, a excessiva manipulação corporal por meio de intervenções invasivas, tais quais cirurgias plásticas e cerasianas, evidencia uma concepção objetificada de corpo que é maleável, sendo este corpo sujeito a modificações e correções para que o indivíduo se constitua em um ideal estético. Segundo a autora, o caráter maleável das fronteiras corporais no Brasil é reforçado através da fragilidade da concepção de direitos individuais e devido ao sistema de gênero, que considera o corpo feminino como um objeto a ser controlado e manipulado. Assim, pode-se utilizar o conceito de *unbounded body* ou “corpo sem fronteiras”, desenvolvido por Caldeira (1998), que consiste em um corpo sem fronteiras nítidas de separação, sendo maleável e suscetível à manipulação e intervenções de outrem. Este corpo não possui regularmente a proteção da titularidade dos direitos individuais, como nos grupos brasileiros que são de forma geral grupos dominados: mulheres, pessoas de baixa renda, crianças e loucos. Estes corpos são sujeitos a diversos tipos de intervenções físicas e práticas disciplinares legítimas que ocorrem rotineiramente (Caldeira, 1998). Fica nítido que as marcas do poder e da autoridade se inscrevem na dimensão corporal dos sujeitos.

Há uma ambivalência que pode ser observada em relação às cantadas recebidas pelas mulheres, que em alguns momentos são avaliadas como elogio e em outros como desrespeito, o que “parece ter sua explicação no conflito entre querer ser desejada e, assim, cumprir seu

papel de gênero, e o medo de ser violada, um risco permanente frente ao mito da potência e do poder do homem brasileiro” (Chacham; Maia, 2004, p. 8). Na realidade, o chamado “mito” trata-se de uma construção social, que ecoa desde a época do Brasil Colônia, até os dias atuais. Como mostra Freyre (2006), no modelo clássico da família patriarcal, havia um núcleo (composto pelo patriarca, sua esposa e filhos legítimos), e a sua periferia (composto por concubinas, amantes, filhos ilegítimos e escravos). De acordo com o autor, este modelo gera uma moralidade diferente entre homens e mulheres e resulta em uma extrema diferenciação entre os sexos. “Esse modelo dá ao homem ‘todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda santa noite que ele estiver disposto a procriar’” (Freyre, 2006 *apud* Parker, 1991, p. 58). Segundo esta construção, o homem é visto como superior, viril, forte, ativo, e a mulher como inferior, bela, fraca, alvo de desejo e vítima da dominação do patriarca.

A suposta superioridade masculina, segundo os parâmetros sociais modernos, é observada ainda a partir das diferentes maneiras como se nomeiam coloquialmente os órgãos sexuais reprodutores masculino e feminino. No caso do pênis, enfatiza-se a noção de força, atividade, violação e violência, ao empregar-se as seguintes expressões para denotá-lo: pau, cacete, pica, ferro, caralho e vara. No caso do órgão sexual feminino, utilizam-se denotações que apontam para algo inferior, deficiente e passivo, objeto de violência e, paradoxalmente, um local de perigo, como em: gruta, buraco, perseguida, perereca, racha e boca mijada (Chacham; Maia, 2004). Desta maneira, busca-se uma ampliação da discussão pública em relação a estes temas que perpassam pela esfera privada, no sentido da construção de mecanismos que garantam que a sexualidade não seja mais um espaço de dominação e submissão da mulher, de seu desejo e seu corpo, mas um local em que haja liberdade e direito reprodutivo e sexual assegurado para as mulheres.

Foi apenas muito recentemente, na IV Conferência Mundial da Mulher em Pequim, ocorrida em 1995, vinculada à ONU, que as mulheres foram consideradas como sujeitos sexuais para além de reprodutivos, possuindo direito ao livre exercício da sua sexualidade como parte dos direitos humanos, independentemente de idade, orientação sexual ou estado civil (Petchesky, 1999). Nesta declaração, citam-se os chamados “direitos negativos”: de não ser vítima de estupro, espancamento, abuso, tráfico, mutilação, exploração e violação sexual. Apesar de consistir em um avanço, vale destacar que nestes termos a mulher permanece vista como um ser sem poder, como mera vítima passiva da violência masculina. “Logo, os direitos

sexuais têm uma validação independente e devem ser reconhecidos sem que estejam, invariavelmente, ligados à reprodução” (Sen; Batliwala, 2000, p. 5). Ainda faz-se importante destacar a necessidade de desvincular a sexualidade da reprodução, tornando acessível o reconhecimento e legitimação da sexualidade feminina antes, durante e após o período reprodutivo, e inclusive o direito sexual de pessoas com diversas orientações sexuais.

4. RELAÇÕES EFÊMERAS E A DIFICULDADE NO CONTATO AMOROSO

Como já pontuado anteriormente, na sociedade contemporânea, a intimidade e o contato genuíno entre os sujeitos são um fenômeno raro, assim como o contato psíquico consigo próprio. Isso torna-se evidente ao analisarmos as relações amorosas contemporâneas, pois o amor é o resultado de um contato emocional íntimo e verdadeiro entre seres humanos. Segundo bell hooks (2021), pode-se entender o amor como “a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa” (hooks, 2021, p. 48). Assim, o amor verdadeiro implica na existência de alguns elementos na relação, como: afeição, cuidado, reconhecimento, responsabilidade, compromisso, respeito, confiança, comunicação aberta e honestidade. Através deste conceito, fica evidente que não é possível afirmar que ama-se alguém quando se é nocivo ou abusivo com a pessoa. Ademais, o amor é visto como uma ação constante ao invés de um sentimento estático, devendo estar evidente e ser reafirmado cotidianamente através de ações práticas de cuidado e respeito em relação ao outro, manifestando uma busca pelo seu bem estar e sua evolução espiritual. O espiritual aqui pode ser entendido como o *self*, uma força vital que quando nutrida aumenta a capacidade do ser de se autorrealizar e de conectar-se com o mundo ao seu redor.

Porém, como evidenciado por bell hooks, “a cultura jovem de hoje é cínica em relação ao amor. E esse cinismo vem do sentimento dominante de que o amor não pode ser encontrado” (hooks, 2021, p. 32). Percebe-se que há um crescente desamor na cultura ocidental atual devido à descrença na possibilidade de seu alcance. Acerca desta temática, Harold Kushner (*apud* hooks, 2021) escreve:

Temo que estejamos criando uma geração inteira de jovens que crescerão com medo de amar, com medo de se entregar completamente a outra pessoa, porque terão visto quanto dói correr o risco de amar e não dar certo. Temo que eles cresçam procurando intimidade sem risco, prazer sem investimento emocional significativo. Eles terão tanto medo da dor da decepção que renunciarão às possibilidades do amor e da alegria. (Kushner *apud* hooks, 2021, p. 32)

O citado medo de entregar-se à outra pessoa de maneira completa pode ser compreendido como o medo do contato genuíno citado em trechos anteriores deste trabalho, que possibilita a troca amorosa e a plenitude da descarga energética.

Segundo bell hooks (2021), a temática do amor é considerada um território inerentemente feminino. Enquanto os homens frequentemente sentem que recebem amor, as mulheres, por outro lado, aprendem culturalmente a fornecer amor aos homens, e permanecem em estado de constante anseio, desejando o amor mas sem de fato recebê-lo. Ao passo que autores masculinos escrevem sobre o amor com autoridade, como alguém que o conhece por tê-lo recebido, as autores femininas em geral escrevem sobre este tema a partir de um lugar de falta, por não terem obtido o amor que desejavam. Segundo Bradshaw (1997), um importante passo em direção ao amor é alcançar o fim do patriarcado, uma vez que a partir deste há a dominação masculina sobre o feminino, consistindo em uma barreira em relação ao amor.

Aceitar a visão defendida por bell hooks sobre o amor implica grande desafio, pois consiste em crer que a maioria das pessoas hoje nasceram em lares onde não havia amor genuíno, e portanto, ainda hoje não sabem como praticar o amor. “Para a maioria das pessoas, é simplesmente ameaçador demais aceitar uma definição de amor que não nos permitiria mais identificar o amor em nossas famílias” (hooks, 2021, p. 48), nos relacionamentos mais importantes para si. Temos a tendência de buscar proteger a memória infantil sobre a nossa criação, e a diminuir seus aspectos negativos, até mesmo de forma defensiva, para manter íntegra a visão pessoal sobre a origem da própria existência. Assim, naturalizamos o que foi apreendido na infância e encaramos o nosso modelo familiar como o “normal”, por mais que seja disfuncional, e seguimos buscando repetir tal padrão nas relações futuras, sendo o conhecido considerado supostamente mais seguro (hooks, 2021).

Como mostra a autora, as pessoas dão aquilo que receberam, e tendo recebido apenas o cuidado, mas não o amor, é o cuidado que oferecerem aos demais igualmente (hooks, 2021). Inclusive, “Muitos de nós escolhemos relacionamentos de afeição e carinho que nunca se tornarão amorosos porque eles parecem mais seguros. As demandas não são tão intensas quanto as do amor. O risco não é tão grande” (hooks, 2021, p. 52). Pode-se traçar uma conexão entre a falta de contato nas relações contemporâneas e a escolha citada pela autora em permanecer no seguro e conhecido, mesmo que disfuncional. Atualmente, as pessoas de maneira geral, e em especial as mulheres, se recolhem à solidão e ao isolamento, temendo

mostrar aos demais quem realmente são e as suas vulnerabilidades, pelo medo da não aceitação.

Esta discussão permite estabelecer um paralelo sobre o conceito de amor líquido de Zygmunt Bauman (2009), inserido na noção de modernidade líquida. Segundo o autor, a modernidade líquida⁸ denota uma misteriosa fragilidade dos laços humanos, consistindo em um amor líquido. Essa condição inspira uma insegurança e estimula o desejo conflitante de tornar esses laços mais estreitos e ao mesmo tempo mantê-los frouxos (Bauman, 2009). Sobre o amor, Bauman elucida: “No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo. *O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado*. Amar diz respeito à autossobrevivência através da alteridade” (Bauman, 2009, p. 24, grifo do autor). Nota-se que, na visão do autor, o amor existe apenas na relação genuína com o mundo ao redor e com o outro, consistindo também no desejo de cuidar e preservar o objeto amado. Implica em doação e trata-se de autossobrevivência, uma vez que o ser humano é um ser social.

Em seguida, Bauman (2009) evidencia o atual império da fragilidade dos laços humanos, transformando todas as relações sociais e amorosas em um viés utilitarista e de praticidade, empregando-se a lógica do consumo também nesta esfera: espera-se manter um relacionamento apenas enquanto este lhe concernir alguma utilidade. O autor utiliza como exemplo a dinâmica dos *shoppings centers* em comparação aos sujeitos nos dias atuais, que tendem a levar uma vida voltada simplesmente à realização de desejos e conquistas, cedendo livremente a seus impulsos, e orientando os seus relacionamentos amorosos igualmente de maneira impulsiva. “A partir dos exemplos abordados nessa obra torna-se possível perceber o caráter ambivalente que o indivíduo adquiriu, tornando-se um objeto de consumo e ao mesmo tempo o próprio produto a ser consumido” (Angelo, 2018, p. 104). Fica claro que a lógica do consumo afeta os relacionamentos em uma via dupla e ambivalente.

Neste contexto, na realidade, não há relação genuína, reproduzindo-se insegurança, solidão, ansiedade (Bauman, 2009). As pessoas anseiam por relacionar-se, mas não desejam a responsabilidade e o compromisso que uma relação exige. Busca-se relações práticas, simples e que não exijam esforço de manutenção, sendo, conseqüentemente, superficiais. A praticidade, celeridade e o ritmo frenético da vida contemporânea reproduz tais valores nos

⁸ A modernidade líquida diz respeito às relações sociais, produtivas e econômicas após a década de 1960, que são demarcadas pela fragilidade, fugacidade e maleabilidade, tal como as substâncias em estado líquido. Este conceito faz uma oposição à época da denominada modernidade sólida, em que havia uma solidez e rigidez nos relacionamentos humanos, com maior durabilidade, força e tradição.

modos de relação, não permitindo espaço para uma conexão e troca amorosa genuína. Substitui-se os relacionamentos da mesma maneira que se troca de celular ou de aparelhos domésticos, como objetos sem nenhuma importância inerente e nenhum respeito pelos sentimentos do outro. O que não percebem, porém, é que isso alimenta um ciclo vicioso do não cuidado com o outro, igualmente à falta de cuidado consigo próprio. Como consequência, as pessoas sentem-se descartáveis e vazias, implicando em quadros alarmantes de depressão na contemporaneidade (Bauman, 2009).

Por fim, visando retornar à discussão anterior sobre as diferenças entre a posição social da mulher e do homem na sociedade, cabe citar Harriet Lerner (1994), que afirma que, a partir de uma socialização machista, as mulheres são ensinadas a manipular e a fingir, a utilizar-se da mentira como forma de agradar aos demais. Inclusive, alega-se que a autoafirmação feminina representa uma ameaça à feminilidade, e isto potencializa a baixa autoestima das mulheres. A autora mostra como a mentira e o fingimento constantes provocam uma alienação das mulheres em relação a seus verdadeiros sentimentos, levando à perda de autoconsciência e possivelmente à depressão. Em geral, aprende-se a mentir ainda na infância, como forma de evitar a punição, magoar ou chatear algum adulto. Na fase infantil, percebe-se que os adultos em geral não falam a verdade, e de fato não querem conhecer a verdade, reagindo mal quando têm acesso a ela (hooks, 2021).

CONCLUSÃO

No mundo hodierno, a cultura contemporânea voltada à lógica do consumo e do utilitarismo incentiva a falta de contato, a mentira e o desenvolvimento do falso *self*. Causa a manutenção das pessoas em um estado constante de vazio, fortalecendo a economia de mercado e provocando gastos infinitos na tentativa de obter a satisfação que se percebe nas modelos de propaganda ao usufruírem dos produtos à venda. “O desamor é uma bênção para o consumismo. E as mentiras fortalecem o mundo da publicidade predatória.” (hooks, 2021, p. 89). A naturalização das mentiras empregadas pelos meios de comunicação em massa e a partir de propagandas incentiva a sua aceitação também na esfera da vida privada. Porém, “O compromisso de dizer a verdade estabelece os fundamentos para a abertura e a honestidade, que são a pulsação do amor. Quando podemos nos ver como realmente somos, e nos

aceitamos, construímos os fundamentos necessários para o amor-próprio” (hooks, 2021, p. 93). Como já foi dito, o amor apenas pode existir quando há verdade, compromisso e respeito.

Essa dinâmica afeta o relacionamento entre mulheres e homens, que, ao “abraçarem o patriarcado, precisam abandonar ativamente o desejo de amar” (hooks, 2021, p. 82). A masculinidade patriarcal demanda que os homens se vejam como superiores e mais poderosos do que as mulheres, e façam o possível para manter o controle sobre elas. Porém, como mostra Jung, “Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina, há falta de amor. Um é a sombra do outro” (Jung, 2014, §78). Assim, os homens empregam frequentemente a mentira e a manutenção de segredos como forma de possuir poder nos relacionamentos.

Fica claro que “A confiança é o fundamento da intimidade” (hooks, 2021, p. 83). Neste contexto, a mentira e outras maneiras de traição e indiferença despedaçam a autoestima e a autoconfiança da mulher, impedindo que haja uma conexão verdadeira e colocando uma barreira para a possibilidade de amar, do contato e genuíno e de entregar-se ao outro ser.

Por fim, conclui-se que o trabalho da Psicologia Corporal é essencial, resgatando no sujeito a plena circulação de sua energia vital e, como consequência, a sua capacidade natural de amar, se entregar e ter prazer, pois este está associado ao fluxo de carga energética que envolve a existência. A presença ou ausência da expressão de amor nos primeiros contatos de vida do sujeito com seus cuidadores, afetará a livre circulação ou o bloqueio de sua energia biológica (Silva; Volpi, 2016). O amor é uma expressão de pleno contato, que gera sensações originárias de vibrações de prazer pelo corpo. Biofisicamente, este movimento corresponde a uma carga energética que ocasiona a excitação. Como explica Lowen (1983), o amor é o elemento que relaciona o ser com o mundo, enfocando-se a mulher no caso deste trabalho, e provoca nela sensação de pertencer à vida, permitindo que se expresse e afirme a sua identidade e o seu ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, Paulo. **Na psicanálise de Wilhelm Reich**. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

- ANGELO, Thamires. Zygmunt Bauman, Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. In: **Revista Mundo Livre**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 1, jan/jul, 2018, p. 104.
- BAKER, Elsworth. **O labirinto humano**: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BOADELLA, David. **Correntes da Vida**. São Paulo: Summus, 1992.
- _____, David. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985.
- BRADSHAW, John. **A criação do amor**: a grande etapa do crescimento. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- CALDEIRA, Teresa. **Violence, Civil Rights, and the Unbounded Body in Brazil**. Apresentação de Trabalho/Comunicação, 1998.
- CHACHAM, Alessandra; MAIA, Mônica. **Corpo e sexualidade da mulher brasileira**. Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2004.
- EGYPTO, Antonio. **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006.
- GOLDENBERG, Mirian. **Intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 14.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HERSKOWITZ, Morton. Orgasm in the human female: a contemporary view. In: **Journal of Orgonomy**, Vol. 3, nº 1. Nova York, 1969.
- HOOKE, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.
- JOVELEVITHS, Ilana. **Reich e a importância dos cuidados na primeira infância**: um diálogo com o enfoque de Winnicott. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.
- JUNG, Carl. **Psicologia do inconsciente**, Vol. 7/1: Dois Escritos Sobre Psicologia Analítica. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KELEMAN, Stanley. **Amor e Vínculos**: Uma visão somático-emocional. São Paulo: Summus, 1996.
- LERNER, Harriet. **The dance of deception**: a guide to authenticity and truth-telling in women's relationships. New York: Harper Paperbacks, 1994.

- LOWEN, Alexander. **O corpo em depressão**: as bases biológicas da fé e da realidade. São Paulo: Summus, 1983.
- _____, Alexander. **Amor, sexo e seu coração**. São Paulo: Summus, 1990, p. 194.
- MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **Human sexual response**. Boston: Lippincott Williams & Wilkins, 1966.
- NAVARRO, Federico. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.
- _____, Federico. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.
- PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**: A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991, p. 58.
- PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais: um novo conceito na prática política internacional. In: BARBOSA, R.; PARKER, R. (Orgs.). **Sexualidades pelo avesso**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1999.
- REICH, Eva. **Energia vital pela bioenergética suave**. São Paulo: Summus, 1998.
- REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- _____, Wilhelm. **Crianças do Futuro**: Sobre a prevenção da patologia sexual. Curitiba: Centro Reichiano, 2013.
- _____, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo**. Lisboa: Martins Fontes, 1983.
- _____, Wilhelm. **O éter, deus e o diabo - A superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SEN, Gita; BATLIWALA, Srilatha, Empowering women on reproductive rights. PRESSER, H.; SEN, G. (Orgs.). In: **Women's Empowerment and Demographic Processes**. New York: Oxford University Press, 2000.
- SILVEIRA, Iáscara; MACHADO, Tatiane; VOLPI, Sandra. Mulheres anorgásmicas sob o olhar da psicologia corporal. In: VOLPI, José H.; VOLPI, Sandra M. (Orgs.) **25º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais**. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2022.
- SILVA, Sonia; VOLPI, José. **Reich e a Prevenção da Neurose**: Uma Proposta de Resgate do Amor Perdido. Artigo de conclusão do curso de Especialização em Psicologia Corporal do Centro Reichiano. Curitiba: Centro Reichiano, 2016.
- SOUZA, Cecília. **Intervenções médicas e a integridade do corpo feminino na cultura reprodutiva brasileira**. Artigo apresentado no XX Encontro da ANPOCS, Caxambu, 1996.

SOUZA, João. **A Repressão Sexual da Sociedade Patriarcal como Etiologia das Neuroses para Wilhelm Reich**. 2013.

VENTAS, Leire. **Orgasmo feminino**: as muitas razões pelas quais as mulheres fingem atingir o clímax sexual. BBC News mundo. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51828631>. Acesso em: 20/11/23.

VOLPI, José; VOLPI, Sandra. **Reich**: vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLPI, Sandra. **A sexualidade e sua função integradora do self**: uma visão da Análise Bioenergética. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____, Donald. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2021.